

DE C I N E M A

Algumas considerações sobre o filme «Maria Stuart»

PARA falar com franqueza, devo começar já por declarar que «*Maria Stuart*» foi, para mim, uma profunda desilusão, um completo desapontamento. Não somente por ser uma pálida e ôca, objectiva e desarticulada versão de tragédia da infeliz rainha da Escóssia, mas ainda por outras razões que no decorrer deste artigo procurarei apontar.

No prefácio dum admirável livro de Stefan Zweig sobre Maria Stuart, lêem-se estas palavras: «O mistério que cerca a vida de Maria Stuart foi objecto de representações e de interpretações tão contraditórias como freqüentes: não existe talvez outra mulher que tenha sido pintada sob traços tão diferentes, ora como uma criminosa, ora como uma mártir, ora como uma doida intriguista, ora, ainda, como uma santa. Coisa curiosa, esta diversidade de aspectos não é devida à falta de materiais chegados até nós, mas, pelo contrário, à sua superabundância embrulhada, os processos-verbais, as actas, as cartas e os relatórios conservados, contando-se aos milhares. Mas quanto mais se profundam esses documentos, mais nos damos conta da triste fragilidade de qualquer testemunho histórico. O falso mistura-se de tal maneira ao verdadeiro, o fictício ao real, que é possível provar com a maior verosimilhança cada maneira de vêr as coisas: aquele que quer demonstrar que Maria Stuart foi cúmplice do assassinato do seu marido pode apresentar testemunhas às dúzias, assim como aquêle que quer provar a sua inocência. Se a parcialidade da política ou do patriotismo se vêm ainda juntar à confusão das narrativas, a alteração do retrato ainda é maior. E quando, como no caso presente, os biógrafos da heroína pertencem na maior parte a duas correntes, a duas religiões, ou a dois conceitos sociais em opposição, obrigatoriamente a sua opinião está fixada antecipadamente; em geral os autores protestantes não vêm em Maria Stuart senão uma culpada, emquanto

que os autores católicos acusaei Elisabeth. Nos escritores inglm ses a rainha da Escóssia é quás-sempre pintada como uma criminosa; nos escritores do seu país, como a inocente vítima duma infame calúnia».

Se reproduzo estas linhas do prefácio do livro de Stefan Zweig eu não quero senão salientar que não se poderia desejar, nem tão pouco eu o esperava, que o filme em questão viesse pôr a limpo dúvidas eternas, que viesse resolver controvérsias sem fim, contando-nos com fidelidade absoluta uma história cuja verdade se pode investigar mas não se pode descobrir totalmente nem afirmar como um dogma. Mas a história dessa mulher extraordinária, apaixonada, impulsiva, inteligente e orgulhosa, tem páginas tão ricas, tão emocionantes e tão trágicas, que eu esperava que dela soubessem recordar algumas para nos darem um filme que, mesmo legendariamente, nos dissesse alguma coisa de belo, de poético ou de fremente humanidade.

Com bem pouco — a evasão de Maria Stuart do castelo banhado pelas águas profundas do lago Locklevan, evasão devida à dedicação dum jovem apaixonado e ao sacrifício duma criança — Walter Scott escreveu «*The Abbot*», em que à fria e crua verdade sobrepõe a lenda cheia de poesia, de encanto e de romanesco, que justamente por ser mais bela e mais vibrante ninguém se atreverá a condenar.

Ora, o filme, que julgo ter sido extraído duma peça teatral, pretende descrever-nos objectivamente a vida de Maria Stuart desde a sua chegada a Leith até à sua morte no cadafalso, vinte e seis anos depois. E por quererem contar-nos tanta coisa, não há tempo para fixar bem o carácter dos personagens, os factos condensam-se demasiado, precipitam-se atabalhoadamente, muitas vezes sem explicação, numa «pecegada» contínua em que só a beleza de algumas cenas isoladas se aproveita. Além disso, para facilidade de narração ou para

preparar certos efeitos, misturam-se as datas, personagens aparecem onde nunca estiveram, alteram-se factos averiguados num à-vontade muito «de fita americana», em que, sempre que acham preferível (mas ainda se ao menos o fizessem bem!) trocam o que foi ou o que se supõe ter sido, por aquilo que... também podia ser.

A maneira como nos é narrado o casamento de Maria Stuart com Damley (1) e os amores da rainha com Bothwell — trágicos amores que a perderam tanto como o seu orgulho — é puramente fantasiosa, mas tudo seria ainda perdoável se isso fôsse contado com essa beleza, essa força emotiva e essa grandeza, que de facto encerra, duma tragédia antiga ou dum drama Shakespeariano. Mas não; aqui, repito, tudo é vasio e trivial.

Sobre o assassinato do rei (perpetrado por Bothwell com o fim de poder desposar a rainha, a-pesar-de êle próprio ser casado), sobre a tremenda luta íntima de Maria Stuart, presa então duma paixão doida por êsse aventureiro ambicioso, atrevido e rude, paixão que a leva, para não perder o homem amado, a não recuar, mesmo, ante a cumplicidade num crime, quasi se passa em branco. E é êste, afinal, o ponto culminante da história da Rainha da Escóssia. É aqui que começa a sua queda, é aqui que começa o desflar do negro infortúnio de Maria Stuart que dentro em breve perderia a corôa, para depois perder a liberdade e vinte anos depois perde a vida.

Mas no filme não só são passados por alto certos factos de importância, não só — e disto não se tira nenhuma vantagem — se permitem, por exemplo, pôr Murray à frente dos Lords

(1) Por quem Maria Stuart de facto esteve apaixonada a-pesar-de êle ser como nos conta Dickens «a tall simpleton who could dance and play the guitar; but nothing else he could do unless to get very drunk, and eat gluttonously, and make a contemptible spectacle of himself in many mean and vain ways. However he gained Mary's heart».